



**RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE MULHERES QUEBRADEIRAS DE CÔCO  
BABAÇU E A IMPORTÂNCIA DO CÔCO NA COMUNIDADE RURAL  
RIACHO SECO/MARANHÃO**

**EXPERIENCES REPORTS OF WOMEN COCONUT BREAKERS BABAÇU  
AND THE IMPORTANCE OF COCONUT IN THE RURAL COMMUNITY  
RIACHO SECO/MARANHÃO**

OLIVEIRA, Jerlane Sousa<sup>1</sup>  
SILVA, André Ribeiro da<sup>2</sup>

**RESUMO**

O presente trabalho buscou o protagonismo e resaltar a importância do coco babaçu (*Attalea speciosa*) através de relatos de mulheres quebradeiras de coco na Comunidade Rural Riacho Seco no Maranhão, tendo como fim apresentar relatos e vivências de mulheres quebradeiras de coco babaçu (*Attalea speciosa*). Assim teve como objetivos identificar quem são as mulheres quebradeiras de coco na Comunidade Rural Riacho Seco/Ma; analisar a importância do coco babaçu (*Attalea speciosa*) na comunidade; bem como apresentar relatos e vivências das mulheres trazendo o contexto histórico, social e econômico das quebradeiras de coco trazendo o seu protagonismo. Deste modo apresentou diversas riquezas e contextos vivenciados diariamente por mulheres, que vivem e dependem do coco. Através da metodologia utilizada que foi a roda de conversas e relatos orais, a pesquisa mista foi envolvida, a utilização de um grupo focal, (*focus group*) e pesquisa ação, sob as variadas perspectivas de autores renomados.

**Palavras-chaves:** Mulheres, Quebradeiras do coco, Coco babaçu.

**ABSTRACT**

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura em Educação no Campo/Ciências da Natureza pela Universidade Federal do Piauí/UFPI, Professora, possui experiência no Ensino Infantil, Fundamental, Médio, Técnico e EJA's e Ampla experiência no tratamento de pessoas com Autismo, pela AMA-PI, e na Cavalaria da Polícia Militar do Piauí - Equoterapia-PMPI. Email: jerlanesousa90@gmail.com

<sup>2</sup> Orientador do TCC: Pós-Doutorando em Ciências do Comportamento. Professor na FaSouza, Universidade de Brasília e Secretária de Estado de Educação do Distrito Federal. E-mail: andreribeiro@unb.br

The present work sought the protagonism and highlight the importance of the babassu coconut (*Attalea speciosa*) through reports of women coconut breakers in the Rural Community Riacho Seco in Maranhão, aiming to present reports and experiences of women breakers of babassu coconut (*Attalea speciosa*). Thus, it aimed to identify who are the women who break coconuts in the Rural Community Riacho Seco/MA; it analyzes the importance of the babassu coconut (*Attalea speciosa*) in the community; as well as presenting reports and experiences of women bringing the historical, social and economic context of coconut breakers bringing their protagonism. In this way, it presented several riches and contexts experienced daily by women, who live and depend on coconut. Through the methodology used, which was wheel of conversations and oral reports, mixed research was involved, the use of a focus group, (focus group) and action research, under the varied perspectives of renowned authors.

**Keywords:** Women, Coconut breakers, Babassu coconut.

## 1. INTRODUÇÃO

A comunidade a ser apresentada neste trabalho de pesquisa é um dos milhares, em que depende e vive diretamente da extração do coco babaçu (*Attalea speciosa*) para sobreviver, assim gerando renda para a família. Deste modo no Maranhão temos variadas comunidades rurais que depende de forma integral da “planta mãe”, como é chamada a palmeira, que tem como fruto o coco babaçu (*Attalea speciosa*).

A pesquisa na comunidade Rural Riacho Seco no Maranhão, permitiu através de relatos de experiência de pessoas da comunidade dar ênfase a importância das mulheres e a presença e importância do coco babaçu (*Attalea speciosa*), em que é interessante e abundante na região, tendo em vista que o coco babaçu (*Attalea speciosa*), é um fruto que provem das palmeiras, bem presente nas regiões do nordeste, e que através desta planta são produzidos infinitos produtos artesanais, produtos alimentícios, dentre outros.

Assim tem-se os babaçuais, liderado em sua grande maioria por mulheres, assim temos variados tipos de palmeiras extrativistas como macaúba (*Acrocomia sclerocarpa*), de grande importância bem como o Tucum (*Bactris setosa*), dentre outras plantas importantes. Tendo em vista que as múltiplas

palmeiras cada uma têm sua finalidade e importância, seja para o meio ambiente, seja para gerar renda para a população. A que será apresentada é a Palmeira, coco babaçu (*Attalea speciosa*), “planta mãe”, em que a mesma permite e possibilita a vida para muitas famílias rurais da Comunidade Rural Riacho Seco/Ma.

Partindo disto foi necessária para a fundamentação teórica para além dos relatos foi a união de escritos a consulta previa materiais, como em manuais, artigos especializados em que contemplasse a temática, para que fosse possível apresentar as orientações básicas para o manejo extrativista, tendo como fim mostrar que a planta é utilizada em todo o seu processo, o uso do fruto, fabricação de óleo, a palha sendo utilizada na fabricação de vassouras e artesanatos no geral. Tendo em vista levar em consideração os manejos e processamentos, as narrativas e relatos de experiências vivenciadas por mulheres quebradeiras de coco babaçu (*Attalea speciosa*) da Comunidade Rural Riacho Seco/Ma, foram levados em consideração, como sua cultura e modo de vida.

Assim tecer e apresentar quem são estas mulheres colocando a sua importância na Comunidade, e para a economia regional, e até nacional, pois essas mulheres, são responsáveis por coletar, e quebrar a matéria prima, no caso o coco babaçu, (*Attalea speciosa*) fruto este que encontramos em supermercados, feiras e outros estabelecimentos comerciais de forma simples e fácil, mas há por trás de cada fruto uma história, uma realidade. Assim a apresentação dessas histórias, de como é ser mulher e quebradeira de coco, é um ponto propulsor que nos faz refletir acerca do assunto.

O presente trabalho surgiu como demanda da comunidade em que a pesquisadora está inserida, e através do interesse em compreender, quem são e como vivem e como estão organizadas as quebradeiras de coco da região da Comunidade Rural Riacho Seco no Maranhão. Tendo em vista apresentar seus relatos e a importância do coco babaçu (*Attalea speciosa*) na região.

O babaçu é uma palmeira, grande e rica, bem presente no Nordeste e de intensidade que se faz presente nos estados brasileiros como aparece no Piauí,

Maranhão, Tocantins. Segundo a literatura o Maranhão ainda possui a maior concentração de babaçuais do Brasil, mas mesmo assim necessita ser preservada. Assim a uma grande oferta da planta, em que a mesma chega a formar um aglomerado de babaçal, deste modo está presente em todo o Maranhão, e na Comunidade Rural Riacho Seco/Ma, mas que na atualidade necessita ser preservado, como toda e qual quer espécie, que o ser humano se utiliza para sobreviver.

O objetivo geral desta pesquisa foi apresentar a importância do coco babaçu (*Attalea speciosa*) na Comunidade Rural Riacho Seco no Maranhão, e os relatos, experiências e vivências de mulheres quebradeiras de coco babaçu. Assim tendo como objetivos específicos: Identificar quem são as mulheres quebradeiras de coco na Comunidade Rural Riacho Seco/Ma; Analisar a importância do coco babaçu na comunidade; Apresentar relatos e vivências das mulheres trazendo o contexto histórico, social e econômico das quebradeiras de coco.

## 2. DESENVOLVIMENTO

A presente metodologia foi pensada segundo a realidade da Comunidade Rural Riacho Seco/ Ma, em que é uma região rica de babaçal, e que esta representada por grande quantidade de plantas, como os grandes babaçuais, sendo a única forma de renda, devido a carência de trabalho na comunidade. Assim o babaçu, o coco babaçu (*Attalea speciosa*) adentra como renda complementar na casa de muitas famílias suprimindo as necessidades, gerando renda, e o desenvolvimento econômico. As palmeiras são importantes, bem como a macaúba (*Acrocomia sclerocarpa*), de grande valor social e econômica, bem como o Tucum (*Bactris setosa*), ambas comuns na região dentre outras plantas importantes. (FERREIRA, 2011).

Deste modo o método utilizado foi o levantamento de dados através de relatos de experiências vividas pela Comunidade, informações das mulheres que são quebradeiras de coco babaçu (*Attalea speciosa*), e através de entrevistas

individuais e coletivas foram colidas com as informações, de forma objetiva e clara. Assim deu-se o seguimento das etapas abaixo para fins da pesquisa atingir os objetivos propostos.

Assim a primeira etapa: Levantamento de dados através de entrevistas, para saber quem são as quebradeiras de coco babaçu que residem e vivem na Comunidade Rural Riacho Seco/Ma. Tendo como segundo momento ou segunda etapa: Para a análise da importância do coco babaçu (*Attalea speciosa*) na comunidade, foram realizadas através de relatos de algumas mulheres, com método grupo focal (*focus group*), em que esta etapa contou com quatro rodas de conversas, deste modo trazendo o contexto histórico, social e econômico das quebradeiras de coco.

A princípio trata-se de uma pesquisa mista, e envolvente em que foi utilizada a técnica de levantamento (quantitativo) sendo colhido através de relatos de experiências orais e grupo focal (*focus group*), qualitativo. Portanto o levantamento de dados através de entrevistas é fundamental, bem como o levantamento de campo, o registro da dados em mídias tecnológicas levantamentos de dados ou *survey*, que é caracterizado pelo questionamento, indagações diretas, sempre direcionadas de forma direta e objetiva, gerando respostas de uma amostragem de um grupo de pessoas (específicas) sobre o comportamento, ações e opiniões que se pretende conhecer e apresentar (GIL, 2008; FOWLER JUNIOR, 2011).

Deste modo e segundo Gil (2008), os procedimentos e demais processos no decorrer da pesquisa foram utilizados para as análises dos dados característicos, específicos do grupo focal (*focus group*), o método qualitativo, participativo. Assim esse tipo de técnica é descrito como sendo de caráter quantitativa, pelas quais pode-se chegar e permitir a/as conclusões sobre o fenômeno estudado, levando em consideração das realidades e os relatos de experiências.

Neste sentido uma das metodologias em paralelo com a citada anteriormente foi a utilização da metodológica da pesquisa participativa em ação, conhecida como pesquisa-ação, apresentada em rodas de conversas, através

da perspectiva de Michel Thiollent, (1985). Assim englobando a pesquisa ação, onde desperta e possibilita que através de conversas, os entrevistados sintam-se à vontade para participar das atividades e das formações científicas acadêmicas.

Diante das demandas da Comunidade Rural Riacho Seco/Ma, o contexto em que a mesma está inserida, e o predomínio do babaçu é algo que chama a atenção de quem mora na região. Sabendo disto é importante ressaltar a importância da palmeira, que é muito presente no Brasil, em quase todas as regiões. Tendo em vista que temos diversas plantas que contribuem para a sobrevivência humana, mas na região do Maranhão a presença do babaçu, e sua utilização é predominante.

Assim sendo no nordeste inteiro, levando em consideração sua extensão é encontrada variadas espécies, as mais comuns as das espécies do gênero *Attalea*, bem como em maiores quantidades a *A. speciosa* e *A. vitrivir*. Deste modo o objetivo vai de encontro para além de caracterizar a importância do coco babaçu para a Comunidade, mas sim de produzir conhecimentos e conhecer as protagonistas, quem são as quebradeiras de coco babaçu desta região e suas vivências. (VIVA TERRA, 2013).

Neste sentido, é necessária conhecermos dentre muitas outras regiões a presente comunidade, quem tem a Palmeira, com seu coco, como gerador de renda, chamado de babaçu, que também foi ganhando visibilidade e importância. A planta, palmeira de coco babaçu, segundo a literatura pode atingir até 20 m de altura, dependendo de sua região, contem um estipe característico de palmeira, com características únicas, com folhas a parentamente envelhecidas, em geral caídas. (VIVA TERRA, 2013).

Ao contextualizar as características visuais de toda a planta, percebe-se que as flores geralmente estão com a coloração de cor creme amarelada, formando cachos, em que o mesmo se desprende quando esta no ponto de colheita, caindo ao chão milhares de frutos. Assim as palmeiras podem em sua grande maioria conter até seis cachos com o fruto. (VIVA TERRA, 2013).

Diante das colocações e levando em consideração as características de como é a planta, a palmeira, que possui o coco babaçu percebe-se que a mesma contribui para a sobrevivência de muitas populações rurais, mas infelizmente é um trabalho que não é valorizado. Segundo a literatura a propagação da planta é feita através de sementes. Deste modo a espécie *Attalea phalerata* ocorre em regiões variadas, diversificando seu ciclo, a presente espécie é bem abundante no território do Maranhão, espalhando-se pelo Piauí, aparece no Noroeste da região Nordeste. (BALICK; PINHEIRO, 2002; PINHEIRO, 2011).

Desse modo, um dos questionamentos abordados a princípio foi trazer quem são essas mulheres quebradeiras de coco babaçu (*Attalea speciosa*), e diante dos relatos e vivências, as falas de algumas dessas mulheres foram colocadas para dar ênfase e protagonismo a tais personagens tão importantes para a economia regional e nacional. Portanto, dentro da comunidade não somente os agricultores e as quebradeiras, se utilizam da extração e riquezas da planta, palmeira, mas são desenvolvidos uma produção intensa de variados produtos artesanais, bem como alimentícios, fabricação de óleo dentre outros que contribuem para regar renda as famílias.

Portanto a pesquisa contou com a participação de vinte e oito mulheres, quebradeiras de coco babaçu (*Attalea speciosa*), assim foram colocadas algumas falas e relatos mais relevantes, levando em consideração as relações e organização do grupo. No decorrer dos encontros as perguntas foram objetivas, voltadas para a identificação de quem são as quebradeiras de coco babaçu, a importância da palmeira e do coco, bem como conversar sobre suas vivências, abordando variados aspectos sociais das mulheres trazendo o contexto histórico, social e econômico das quebradeiras de coco. O primeiro questionamento diz respeito ao exercício da profissão. Como que se tornaram quebradeiras de coco. Para uma quebradeira de coco, chamada Dona Ivone



Lara<sup>3</sup> a mesma trás que se sente e é quebradeira de coco, por que já recebeu esses ensinamentos, essa missão de sua mãe.

“eu sou quebradeira de coco por que vi minha mãe realizando este trabalho, e aprendi com ela, assim eu cresci e me tornei quebradeira de coco, por que sempre acompanhei a minha mãe nesta atividade” Dona Ivone Lara, (FALA DA ENTREVISTADA, 2022).

“Sou quebradeira há bastante tempo, cresci e moro aqui com a minha família, aprendi a realizar esta atividade com minha mãe e minha tia, a principio não gostava da atividade, mas atualmente a renda que ganho através da quebra do coco é que tem ajudado na compra de alimentos em casa”. Elza Soares, (FALA DA ENTREVISTADA, 2022).

Ao longo dos trabalhos na quebra do coco percebe-se a presença de muitas mulheres nesta atividade, assim vinte e quatro mulheres relatam que aprenderam este trabalho com sua mãe, onde muitas já possuem família e repassam estes saberes para seus filhos, em exclusivo para as meninas. Deste modo o enfoque é um estudo acerca de saberes e construção de saberes que são repassados por essas mulheres quebradeiras de coco, a busca por saber e apresentar quem são essas mulheres. Para a literatura a presença feminina é ativa e quase que em sua totalidade formada por mulheres, de jovens até de maior idade. Portanto permite trazer variadas vivencias e suas relações extrativista com o coco (BARTONE, 2011).

Assim quando perguntado para outra quebradeira de coco, chamada Sandra de Sá, por que ela é uma quebradeira de coco? A mesma responde afirmando que aprendeu com a mãe, e que não tem estudo suficiente para conseguir um trabalho melhor.

“eu sou quebradeira de coco, por que aprendi com a minha mãe, mas eu queria trabalhar de uma outra coisa melhor, mas não tenho estudo suficiente” Sandra de Sá, (FALA DA ENTREVISTADA, 2022).

---

<sup>3</sup> O verdadeiro nome das entrevistadas foi preservado, assim sendo substituído com nomes fictícios de mulheres negras cantoras, assim as mesmas são homenageadas por representarem as vozes de muitas mulheres.

É interessante colocar que as mulheres realizam a atividade por que aprenderam com a mãe, mas que se pudesse ter outra oportunidade de trabalho, algumas mulheres não hesitariam em deixar de quebrar o coco. Deste modo dezoito mulheres afirmam que se tivessem quando jovem oportunidade de estudar para ter um trabalho melhor, estariam atualmente em uma melhor condição de vida, com trabalho, que não fosse o de quebrar o coco babaçu (*Attalea speciosa*).

Diante das colocações e dando continuidade na conversa uma senhora de maior idade dentro do grupo de quebradeiras de coco, diz que esta sempre trabalhando, e fala para as demais valorizar o seu trabalho, pois é das mãos delas que o coco vai para as grandes cidades, e que afirma exercer esta atividade por mais de quarenta anos, a mesma traz em retrospectiva que há muitos anos a comunidade e a fome eram piores, e que na atualidade estão em uma situação mais proveitosa.

Assim, com o passar dos anos é possível perceber que alterações foram sendo realizada dentro na Comunidade e nas relações das quebradeiras de coco com demais moradores, muitas quebradeiras possuem família, deixam os filhos nas escolas mais próximas, e passam grande parte do dia dentro da mata juntando coco. Este processo de juntar o coco babaçu perdura por cerca de uma a duas semanas, assim com o coco colhido e colocado em um local próprio, as quebradeiras se reúnem para quebrar o coco, em dias combinados pelo grupo formado pelas próprias quebradeiras de coco.

Sendo assim todo trabalho das quebradeiras de coco, ainda é manual e realizado em organizações, grupo de mulheres, mas que algumas realizam a atividade de forma aleatória e isolada, o processo da atividade extrativista é praticamente todo manual, fases como, coletar o fruto até a quebra do coco, retirada da palha e construção de artesanatos, bem como a utilização em outras atividades. A comercialização do coco babaçu (*Attalea speciosa*) é uma atividade recente e surgiu como mecanismo de expansão, acompanhando o crescimento da comunidade e de suas atividades extrativistas.

Deste modo deixou de circular apenas dentro das comunidades, e passou para alguns centros urbanos, mas que por conta das burocracias evidenciadas pelas quebradeiras de coco, as mesmas ainda não realizam a exportação dos produtos para localidades mais distantes, como outros municípios, ou até fora do país. Essas burocracias são limitantes para o trabalho e reconhecimento das mulheres quebradeiras de coco babaçu (*Attalea speciosa*) que dependem totalmente desta atividade para viver.

Neste sentido de permitir mais conversas, é percebido que as amêndoas, o fruto constitui ainda o primordial, o mais relevante da extração e uso da planta, a amêndoa como fonte de complementação de renda para a Comunidade Rural Riacho Seco/Ma tornou-se quase que exclusivo. Portanto, ao analisar a importância do coco babaçu na comunidade a atividade de extrativismo é única, e que muitas das vezes é a única renda da família, em outras entra como complemento. Diante dos relatos as mulheres afirmam que outras formas de trabalho na região são escassas. Dando continuidade as mulheres falam da importância em quebrar o coco babaçu.

“Na minha casa somente eu que trabalho, meu esposo está desempregado, tenho que vir quebrar o coco babaçu, gera muito dinheiro, mas é cansativo”. Iza, (FALA DA ENTREVISTADA, 2022).

“A única renda que tenho atualmente é da quebra do coco, eu e meu esposo trabalha, ele trabalha na roça, eu quebro o coco e uso pra fazer outros produtos”. Alcione, (FALA DA ENTREVISTADA, 2022).

“A única coisa que tem por aqui é quebrar o coco babaçu, sempre tem serviço, eu trabalho, moro com minha mãe e minha filha todas nós quebramos coco, a minha filha estuda pela manhã, e o resto do dia passamos trabalhando”. Drik Barbosa, (FALA DA ENTREVISTADA, 2022).

Diante do exposto é observado que as fronteiras de trabalho na região são realmente escassas e que aparentemente o destino daquela gente parece estar permanentemente definido. A fala da moça mais jovem dentre as mulheres quebradeiras de coco babaçu, foi colocada, tendo como fim mostrar que mesmo residindo em localidade rural, em que quase todos trabalham na extração do coco, a jovem, pessoas que buscam a mudança em sua realidade.

A jovem moça fala que estuda e já está concluindo o ensino médio, vai estudar veterinária na Universidade, a mesma gosta muito das atividades do campo com os animais e é uma adolescente e acompanha a mãe na atividade de quebrar o coco babaçu.

“eu já estou concluindo os meus estudos, logo vou terminar o ensino médio, e quero fazer veterinária, eu gosto de trabalhar com os animais que temos em casa, cuidar dos porcos, cabras, eu gosto muito disso”. Ludmilla, (FALA DA ENTREVISTADA, 2022).

Tendo em vista a situação colocada, e o relato da jovem, as demais mulheres dão risadas da menina, mas a mesma com firmeza fala que quer mesmo é estudar, mas que gosta também de quebrar o coco, por que quando precisa de algum dinheiro, a mesma conseguiu logo de forma rápida o dinheiro, através da quebra do coco, assim pode comprar o que precisa.

Na comunidade Rural Riacho Seco/Ma, as famílias em sua maioria são compostas de agricultores, povo simples, com muita humildade que dependem da atividade de extrair do coco, bem como a produção de variados produtos, que geram renda para a família.

Tendo em vista as indagações quando questionado sobre a preservação da planta, e um possível desaparecimento da Palmeira, as mulheres ficam em silêncio e questionam umas as outras. A preservação ainda se apresenta ausente, mas partindo das quebradeiras de coco babaçu, a uma organização e a autonomia das mulheres da Comunidade é visível. Deste modo a atividade é produtiva, as mulheres aprimoram seus trabalhos manuais, através da formação de grupo separam em etapas de produção e tudo que será utilizado da planta Palmeira, de forma sem saber essas mulheres cuidam e preservam o local, pois a regras para a extração do coco babaçu.

Dentre as colocações os destaques das falas partiram das mulheres, quebradeiras de coco de maior idade. Assim quando indagadas sobre a possível ausência da Palmeira.

“Acredito que a Palmeira não vai desaparecer, aqui organizamos em grupos o período de juntar o coco, e os encontros para quebrar o coco, e a retirada da palha”. Karin Hils, (FALA DA ENTREVISTADA, 2022).

Neste sentido percebe-se que o desenvolvimento local é sustentável, e organizado, sendo assim a principal fonte de renda, para as presentes e futuras gerações, sendo que o uso sustentável é trabalhado em grupos com orientação, em que as mulheres foram construindo ao longo dos anos. Deste modo os segmentos ou parâmetros introdutórios antes de qual quer extração de coco da palmeira, ou utilização da planta deve haver o encontro com as demais mulheres para que as mesmas possam conversar e se organizar na extração.

Assim para que haja o desenvolvimento local, o bem-estar social de todas e com vistas à conservação, preservação do meio ambiente, é necessário um trabalho conjunto, grupal, em que as mulheres buscam sempre colaborar umas com as outras, não somente da comunidade, mas construir parcerias com demais mulheres de outras comunidades. Tendo em vista que a atividade de extração do coco, da palha são ações cansativas, e que exigem muita força física e disposição, pois as áreas de extração do fruto são amplas e com uma extensão de hectares de terra com grandes quantidades de Palmeiras.

Tendo em vista as colocações, e levando em consideração os mecanismos, técnicas de como usar recursos da natureza, tem-se que novas propostas de desenvolvimentos foram colocadas em ação ao longo dos anos, e que devem suprir as necessidades de tais comunidades que se beneficiam dos bens ambientais. Surge então dentro das comunidades o pensamento acerca de sustentabilidade, sem desvalorização de todo aquele trabalho prévio, manual e difícil de ser realizado pelas quebradeiras de coco babaçu. Assim o uso sustentável da planta e seu processamento, gerando variados produtos foram pontos que permitiram a comunidade enriquecer sua produção, e agregar valor aos seus produtos.

Diante da utilização dos recursos naturais disponíveis, na Comunidade Rural Riacho Seco/Ma, e outras demais comunidades, são os sujeitos locais principais, que devem adquirir articulação e autonomia, organização e

planejamento, sendo assim protagonistas de suas próprias histórias. Deste modo levando em consideração o trabalho coletivo das mulheres. Contudo é interessante o planejamento coletivo, projetos e ações adequadas, atitudes eficazes e capazes de adequar as demandas da comunidade, tendo vista o uso e o processo de desenvolvimento sustentável.

Nesse processo, Santos (1985) coloca que a perspectiva econômica está no espaço, esta presente em toda e qual quer sociedade, espaços esses que envolvem a economia local. Assim é estabelecida uma relação de parceria, entre as localidades produtoras da matéria prima, e suas relações com a economia, bem como os demais processamentos das riquezas naturais. É percebido que o envolvimento de relações político-institucional local e os aspectos que envolvem o cultural-ideológico, com o contexto histórico em que a comunidade está inserida.

Segundo o mesmo autor os espaços possuem suas essências. Essências que são apresentadas pelas quebradeiras de coco, em que estão diariamente indo de encontro com aspectos sociais. Nesse caso, o autor coloca que o espaço, é para além do físico, mas é envolvente e incorporado nas identidades das mulheres da Comunidade Rural Riacho Seco/Ma, assim não pode ser apenas formado pelas coisas, as materialidades fazem parte do contexto e das representações. Deste modo o autor complementa afirmando que as representações somos nós em que atribuímos, valorizamos e definimos características de objeto, indo além do espaço geográfico, bem como naturais e artificiais que estão em nossa volta. Tais perspectivas perfazem ao conjunto da natureza. (SANTOS, 1985).

Ainda na mesma perspectiva Santos (1988), coloca que o espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável, único do qual nos envolve e participamos, assim contendo variadas perspectivas, objetos geográficos, a estrutura física, bem como objetos naturais e objetos sociais e o autor encerra seu pensamento enfatizando que fazem parte destes espaços as demais perspectivas que nos envolve que é “a vida, que os anima ou aquilo que lhes dá vida”. (SANTOS, 1988, p. 16).

Diante do fragmento entendesse que existe a movimentação histórica, geográfica, o envolvimento e significado dos espaços que são complementados pelas presenças de vidas, seja humana, seja animal irracional. Assim tem-se a percepção que “O território em que vivemos é mais que um simples conjunto de objetos, mediante os quais trabalhamos, circulamos, moramos, mas é também um dado simbólico” (SANTOS, 1993, p. 61).

Segundo Santos (2002, p. 17), “o território atual é marcado por um cotidiano compartilhado mediante regras que são formuladas ou reformuladas localmente”, E diante dos relatos e relações das quebradeiras de coco foi ao longo da história e dos territórios desvalorizadas, levando-as a acreditar que sua profissão as torna inferiorizadas as demais profissões, em decorrência de ser uma atividade muitas vezes árduas.

Assim as essências, características de sentir-se pertencente são fundamentais nas relações homem-natureza, neste sentido percebe-se que a formação de um território se formaliza como identidade única através das pessoas, mulheres que nele habitam, ganham características particulares. Tendo em vista, e conceituando o sentido da territorialidade, terras significativas e que, parte da subjetividade de cada ser, e permite criar uma consciência ou tomada de consciência de confraternização entre pessoas que exercem a mesma atividade. Deste modo as mulheres quebradeiras de coco babaçu definem em suas palavras que os babaçuais são ofícios e profissão que são aprendidos com a mãe, com pessoas mais idosas, assim as mulheres quebradeiras de coco babaçu, denominando a palmeira de mãe.

“A minha vida sempre foi trabalhar na roça, e quebrar o coco, foi assim que criei meus filhos, levando comida na mesa, através da quebra do coco babaçu”, Thalma de Freitas. (FALA DA ENTREVISTADA, 2022).

“A palmeira, o coco e a palha são utilizadas por nós, desde criança, aprendemos com a nossa mãe, e chamamos a palmeira de mãe, por que é ela que permite e da o sustento de nossa família”. Juliana Ribeiro. (FALA DA ENTREVISTADA, 2022).

As colocações são interessante e são também levantadas por grande parte das mulheres, quebradeiras de coco, pois as mesmas sabem da

importância da Palmeira, e que sempre através da planta vão ter trabalho disponível a todo o momento, em que precisar. De forma independente as mulheres quebradeiras de coco sentem-se pertencente ao local e ao seu trabalho, pois não dependem de mais ninguém apenas de sua força e de sua vontade, sem horário ou “patrão” fixo, fazer o seu próprio horário e sua flexibilidade diária é um dos pontos positivos relatado pelas quebradeiras de coco.

“Eu trabalho aqui quebrando coco e vou fazendo o meu horário, como tenho filhos pequenos no turno pela manhã deixo eles na escola, cuido nos afazeres domésticos e pela tarde vou trabalhar, na parte da noite realizo as atividades escolares com as crianças”, Margareth Menezes. (FALA DA ENTREVISTADA, 2022).

“As atividades aqui na Comunidade são sempre dialogadas entre o grupo, pois para pegar o coco, um grande grupo de mulheres é importante, pois na mata também é muito perigoso”, Ellen Oléria (FALA DA ENTREVISTADA, 2022).

As falas das quebradeiras de coco desencadeiam muitos questionamentos, como a violência contra a mulher, falta de assistência médica, saúde, educação. Mas também apresenta a organização e flexibilidade de horários, em que as mesmas possuem, sendo este um dos pontos positivos na quebra do coco. Diante dos relatos tais assistências básicas são ausentes, ou muito poucas no Brasil inteiro, os serviços básicos ainda são escassos em áreas rurais. Portanto as mulheres consideram de grande importância os saberes e ensinamentos de outras mulheres de maior idade na Comunidade, pois os saberes de remédios caseiros, cuidados com a saúde são repassados das mais idosas para as mais jovens.

No decorrer das rodas de conversas muitas mulheres relataram a questão de bem está na Comunidade, ação que é bem questionada entre as mulheres, pois diante dos relatos as mulheres quebradeiras de coco, tem entre seus anseios a visualização de ser mulher. Para compreender melhor, as mulheres sentem uma baixa estima, pois quase nunca a tempo para os cuidados com a saúde e a beleza. Deste modo através das conversas ficou evidente que



muitas deixaram de se sentir mulher, como símbolo de beleza, e sim apenas desempenham suas obrigações sem nem pensar em si próprias.

Esses questionamentos vivenciados por grande parte das mulheres, evidenciou que o trabalho árduo, cansativo, como quebrar o coco, cuidar dos filhos, da família, impossibilita que as mesmas possam dedicar um tempo exclusivo para cuidar de sua própria saúde e bem estar, assim muitas deixam de se cuidar. Nos relatos as principais colocações são de que entre cuidar do cabelo, da pele, o dinheiro somente permite comprar o que comer e vestir para os filhos.

“Eu ganho dinheiro com a quebra do coco babaçu, mas não sobra quase nada, então entre cuidar do cabelo, e da pele, vou mesmo é comprar o que comer”. Manuela Rodrigues, (FALA DA ENTREVISTADA, 2022).

“Aqui como eu tenho quatro filhos o dinheiro nunca sobra, então meus filhos vêm em primeiro lugar, prefiro comprar coisas para eles do que para mim”. Elisa Lucinda, (FALA DA ENTREVISTADA, 2022).

“Depois que me casei nunca mais fui ao salão ou coisa parecida, fazer a unha quase nunca, por que quando vou quebrar o coco danifica o esmalte então evito ate pintar”. Simone Moreno, (FALA DA ENTREVISTADA, 2022).

“Cuidar dos filhos sempre foi prioridade para mim, evito gastar com coisas inúteis, então comprar o que comer, material escolar, roupas para meus filhos é o que me faz vir trabalhar com o coco babaçu”. Jéssica Ellen, (FALA DA ENTREVISTADA, 2022).

As falas são intensas e reflexivas, pois são desencadeadas por conta do processo histórico em que as mulheres foram submetidas, como cuidar da família, dos filhos, e que muitas das vezes não se preocupam ou evitam cuidar de si própria, seja por carência financeira, seja por falta de tempo. Deste modo o relato de baixa estima é quase que total entra as mulheres entrevistadas, assim ocasionando uma vulnerabilidade para que as mesmas se sintam inferiores, ou muitas das vezes desvalorizadas.

A presente pesquisa buscou variados enfoques e perspectivas, levantou questões individuais e coletivas de um grupo de mulheres, quebradeiras de coco, que residem na Comunidade Rural Riacho Seco/Ma. Deste modo enfatizou falas, vivencias, relatos que perpassaram do contexto para além da vida de quebradeira de coco, para abordar que essas são mulheres, e que as mesmas

necessitam de assistência e um novo olhar, bem como melhores condições de trabalho.

As perspectivas levantadas foram norteadoras para compreendermos e valorizarmos a/as mulheres que contribuem com o sustento da família, em que muitas abrem mão de seus próprios objetivos e sonhos para cuidar da família. Assim visando o bem estar da família, é através da quebra do coco babaçu (*Attalea speciosa*), que muitas mulheres conseguem sua independência financeira, para a compra produtos e utilização de serviços básicos.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista as colocações em todo o trabalho fica difícil chegar a certas considerações finais a importantes relatos e memórias envolvidas neste processo de construção, pois todo o trabalho apresentou de forma rica e variada o contexto social, econômico e vital para as mulheres quebradeiras de coco babaçu (*Attalea speciosa*). Assim ficou evidente que as mulheres representam quase que a totalidade de pessoas da Comunidade Rural Riacho Seco/Ma, compondo parte e contribuindo integralmente com a renda da família.

Deste modo desvinculando-se de suas particularidades para cuidar do bem estar da família, filhos, e de afazeres domésticos, e que o coco babaçu (*Attalea speciosa*), é se não, a única forma de renda da Comunidade. As quebradeiras gostam da atividade que realizam, e que compreendem a sua importância e participação ativa no sustento da família. As mulheres admiram e realizam sua atividade profissional com êxitos e satisfação.

Assim o questionamento a ser levantado requer a priori projetos, e políticas públicas voltadas para o desenvolvimento social, voltar-se para a educação escolar das mulheres quebradeiras de coco é possibilitar uma mudança de suas perspectivas de vida, bem como para o aprimoramento de suas atividades extrativistas. Portanto uma das carências é a educação, para que haja melhores possibilidades, e um melhoramento de técnicas e manejo das atividades extrativistas com o coco babaçu (*Attalea speciosa*) visando a sua

utilização no presente, mas projetando o futuro da planta palmeira e da Comunidade Rural Riacho Seco/MA.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALICK, M. J.; PINHEIRO, U. B. Babaçu (*orignya pahalerata*). In: CLAY, J. W.; REVILLA, J. **Plantas uteis da Bacia Amazônica**. Manaus: INPA/SEBRAE, v. 2, p. 444, 2002.

BARTONE, C. **Relatório do Piauí**. ActionAid. p. 2, 2011. Disponível em: [http://187.45.205.122/Portals/0/Docs/piaui\\_JAN-2011.pdf](http://187.45.205.122/Portals/0/Docs/piaui_JAN-2011.pdf) Acesso em: 05/02/2022.

FERREIRA, Antonio Marcos Neres. O total aproveitamento do coco babaçu (*Orbignya oleifera*). Brasília, 2011.

FOWLER JUNIOR, F. (2011). *Pesquisa de levantamento*. Porto Alegre: Penso.

GIL, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6. ed.). São Paulo: Atlas.

PINHEIRO, C. U. B. **Palmeiras do Maranhão: Onde canta o sabiá**. Editora Aquarela. São Luís, p.232, 2011.

VIVA TERRA. **Palmeiras Nativas do Brasil**. 2013. Disponível em: <http://archive.is/cUQ7A#selection-8.18-1051.27> Acesso em: 05/02/2022.

SANTOS, M. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, M. **O espaço em questão**. 5. ed. Pinheiros, SP: Terra Livre/AGB, 1988.

SANTOS, M **O espaço do cidadão**. 2. ed. São Paulo: Nobel, 1993.

SANTOS, M. O retorno do território. In: In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A. de; SILVEIRA, M. L. (Orgs.). **Território: globalização e fragmentação**. 5. ed. São Paulo: Hucitec/Annablume, 2002. p. 15-20.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 1985.